

Considerações iniciais

1. Os textos a seguir precisam ser lidos. O professor Cristiano, grifou as partes importantes e acrescentou alguns comentários.

Anotem essas informações grifadas em seu caderno, anote também seu entendimento sobre o assunto.

No final dos textos, haverá algumas questões para serem copiadas e respondidas no caderno de filosofia/religião.

Bom trabalho, para todos

A existência não tem sentido; é absurda

Há filósofos que consideram a existência como algo sem sentido, sem finalidade; ela seria, portanto, absurda.

A base dessa atitude é, em geral, a profunda decepção diante do sofrimento e da incapacidade de satisfazer plenamente o desejo de realização. A existência impulsiona os seres vivos a buscar satisfação e a investir energia para obtê-la. No entanto, em grande parte, a mesma existência não permite que essa satisfação seja obtida de maneira completa. Desse ponto de vista, a existência pode parecer uma "piada" de mau gosto.

Essa "piada" pode piorar quando os humanos conseguem satisfazer seus desejos e percebem que não ganham nada de extraordinário com isso. Ficam apenas satisfeitos por um tempo e logo em seguida voltam a enteeiiar-se, ou seja, a encher-se de tédio, essa sensação de não ter nada que estimule e dê gosto pela vida.

Um filósofo que marcou profundamente o pensamento ocidental ao refletir sobre a experiência do tédio foi o alemão Arthur Schopenhauer. No seu dizer, os humanos só têm prazer na existência quando lutam por algo, assim como quando estão com fome e procuram alimento. Uma vez alimentados, vem o tédio, a satisfação que não leva a nada. Quando

O tédio, e a falta de sentido genuíno, levam a um loop de satisfação temporária. Quando não há um sentido em fazer o que tem que se fazer, encontramos a falta de sentido nas coisas. Imagine uma vida onde você não encontra sentido nas coisas que você faz.... Isso é uma vida sem sentido.

Continua na página 02

A vanidade da existência Arthur Schopenhauer

Leia depois de ler todo o texto inicial

A vida humana deve ser algum tipo de equívoco. A verdade disso ficará suficientemente óbvia se lembrarmos que o ser humano é composto de carências e necessidades difíceis de satisfazer. Mesmo que sejam satisfeitas, tudo o que o ser humano obtém é uma situação de vida sem dor, quando não resta nada para ele, a não ser um mergulho no tédio. Essa é uma prova direta de que a existência não tem valor real em si mesma. Aliás, o que é o tédio senão o sentimento do vazio da vida? Se a vida possuísse algum valor nela mesma (e desejar a vida é a verdadeira essência de nosso ser), então não deveria haver tédio; a mera existência nos satisfaria e nós não desejaríamos mais nada. Em vez disso, não temos prazer na existência, exceto quando lutamos por alguma coisa: a distância e as dificuldades para atingir nosso objetivo nos fazem pensar que esse objetivo irá nos satisfazer. Trata-se de uma ilusão que se esvazia quando alcançamos o que buscamos. [...] Mesmo o prazer físico não passa de luta e desejo, mas termina no momento em que seu objetivo é alcançado. Quando não estamos ocupados por uma ou outra dessas coisas, mas nos concentramos na existência mesma, a sua natureza vã e inútil toma conta de nós. Isso é o que chamamos de tédio.»

SCHOPENHAUER, Arthur. The vanity of existence. In: *Essays*. Edição e tradução T. Bailey Saunders. Nova York: A. L. Burt, 1902. p. 397-598. (A vanidade da existência. Tradução nossa.)

26 *Vanidade:* característica daquilo que não tem valor; que é vão, vazio.

ARTHUR SCHOPENHAUER (1788-1860)

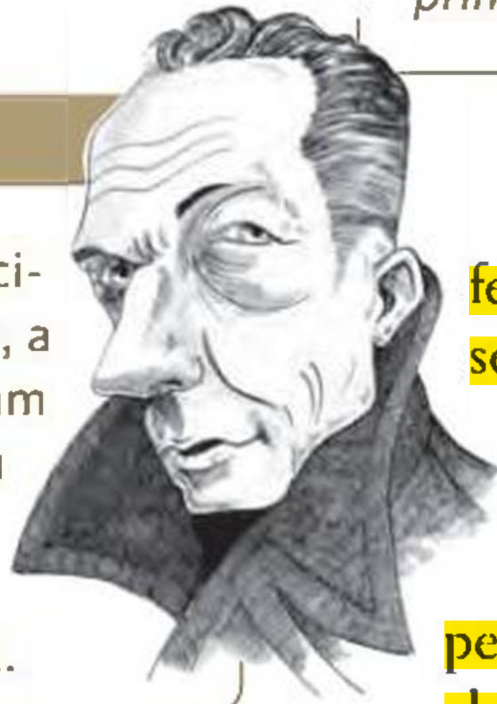
Foi um filósofo alemão. No seu dizer, o ser humano, ao tomar consciência de si mesmo, descobre-se como ser de vontade, tal como a Natureza em geral, pois tudo busca sua própria conservação. Obras mais conhecidas: *O mundo como vontade e representação*, de 1819, e *Parerga e Paralipomena*, de 1851.

HANS JONAS (1903-1993)

Foi um filósofo alemão de origem judaica. Alerta à ascensão do nazismo, afasta-se decididamente de toda forma de pensamento ideal e volta-se para a reflexão sobre as bases do ser em sentido biológico. A dependência humana com relação aos ecossistemas permite-lhe lançar as bases para uma nova ética, a “ética da responsabilidade”. Principais obras: *O fenômeno da vida* e *O princípio da responsabilidade*.

ALBERT CAMUS (1913-1960)

Foi um escritor e filósofo francês nascido na Argélia. O sofrimento pela fome, a miséria, as guerras e as injustiças foram temas de grande importância em seu pensamento. Obras mais conhecidas: *O estrangeiro*, romance de 1942, e *O homem revoltado*, ensaio filosófico de 1951.



felicidade. A revolta, no entanto, também pode ser entendida como um desejo de que a vida fosse melhor.

Concentrando-se nesse desejo, o filósofo judeu-alemão Hans Jonas elaborou um pensamento que convida a assumir o caráter absurdo da vida e a transformá-lo em ocasião para os próprios seres humanos se tornarem melhores. O absurdo teria um lado bom: mostrar que, em vez de esperar pela intervenção de um ser transcendente (milagres, graças), cabe aos seres humanos desenvolver a *responsabilidade* por si mesmos e pelo “mundo”, aceitando como imutável apenas aquilo que realmente não podem mudar.

Em outras palavras, trata-se de não esperar de Deus (ou de qualquer outra dimensão transcendente) mudanças que cabem aos seres humanos e de também não culpá-lo pela falta de mudanças. Em seu livro *O Conceito de Deus depois de Auschwitz*, Hans Jonas usa uma imagem de grande força: Deus, ao criar o “mundo”, deu tudo o que podia dar; agora ele suporta em silêncio as consequências de ter criado o “mundo”, principalmente os resultados da liberdade humana.

Hans Jonas, convida o ser humano a deixar de lado as reclamações e a espera de um milagre dos céus, e partir para ação - ação no sentido de arregaçar as mangas e correr atrás de coisas que realmente trazem sentido para sua vida. Não espere um milagre descer do céu e mudar sua vida.

prestam atenção no próprio ato de existir, percebem que ele é vazio, sem valor por si mesmo.

Outros pensadores concentraram-se na experiência humana do sofrimento, principalmente dos inocentes, para defender que a existência é absurda. Deram, assim, à experiência do sofrimento dos inocentes o nome de *problema do mal*: se há um sentido bom na existência (dado por Deus, por exemplo, ou pela bondade do próprio Universo), como entender que aconteçam coisas más, principalmente com pessoas boas?

O escritor francês Albert Camus ilustra bem a revolta contra a falta de coerência na vida.

Há uma profunda verdade no homem revoltado descrito por Albert Camus: a falta de explicação objetiva tanto para o sofrimento como para a



O absurdo da vida é o absurdo do sofrimento

Albert Camus

- 1 O protesto contra o mal [...] é significativo. Revoltante em si não é o sofrimento da criança, mas o fato de que esse sofrimento não seja justificado. Afinal, a dor, o exílio e o confinamento são às vezes aceitos quando ditados pela medicina ou pelo bom senso. Aos olhos do revoltado, o que falta à dor do mundo, assim como aos seus instantes de felicidade, é um princípio de explicação. ■

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Tradução Valérie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 125.

ATIVIDADES - COPIE AS QUESTÕES EM SEU CADERNO E DEPOIS RESPONDA.

- 1. Segundo Arthur Schopenhauer, qual é a prova direta de que a existência não tem valor real em si mesma?**
- 2. O que significa o PROBLEMA DO MAL?**
- 3. Explique o que Hans Jonas apresentou em seu livro (O conceito de Deus depois de Auschwitz) sobre a ideia de Deus.**
- 4. A liberdade humana, pode ser uma ocasião para gerar responsabilidade em nossa vida? Justifique sua resposta.**
- 5. Qual é o conceito de tédio que o filósofo Arthur Schopenhauer nos apresenta?**